

ARQUIVO A REAL

DOAÇÃO DE REGISTRO DE AÇÕES DO PROJETO AREAL PARA O ACERVO DO MACRS
PRÊMIO DE ARTES PLÁSTICAS MARCANTONIO VILAÇA — 6ª EDIÇÃO

Exposição Casarão N° 06, Pelotas — RS
09 de dezembro de 2014 a 13 de março de 2015

© 2014 André Severo e Maria Helena Bernardes

Coordenação do projeto Areal

André Severo

Maria Helena Bernardes

Projeto gráfico

André Severo

Revisão

Maria Helena Bernardes

Paula Krause

Imagem da capa

Rumo, de André Severo e Maria Helena Bernardes (fotografia de Eduardo Saorin)

Fotografias do miolo

Alexandre Moreira

André Severo

Eduardo Saorin

Maria Helena Bernardes

Paula Krause

Fotografias da exposição

Paula Krause

Editoração

Ilha—imagem

Produção gráfica

Paula Krause

Severo, André e Bernardes, Maria Helena

Arquivo Areal

Porto Alegre: Arena, 2015.

224p: 230 x 230 mm

ISBN: 978-85-63826-00-8

1. Artes visuais. 2. Humanidades.

I. Severo, André.

II. Bernardes, Maria Helena

III. Título.

CDD: 73

CDU: 709

ARENA

Rua João Telles, 379 Sala 102

Bom Fim - 20031-007 - Porto Alegre—RS

www.arena.org.br

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

SUMÁRIO

Apresentação	18
Módulo I — RUMO André Severo e Maria Helena Bernardes	22
Módulo II — VAGA EM CAMPO DE REJEITO Maria Helena Bernardes	34
Módulo III — MIGRAÇÃO André Severo	42
Módulo IV — INTERVALOS André Severo e Maria Helena Bernardes	52
Módulo V — CAMAQUÃ Maria Helena Bernardes	66
Módulo VI — MISSÃO André Severo	74
Módulo VII — HISTÓRIAS DE PENÍNSULA E PRAIA GRANDE/ARRANCO André Severo e Maria Helena Bernardes	84
Módulo VIII — EM TORNO DE NADJA Maria Helena Bernardes	92
Módulo IX — PROPRIOCEPÇÃO André Severo	98
Módulo X — SOMA André Severo	110
Módulo XI — ENSAIO André Severo e Maria Helena Bernardes	122
Módulo XII — DOCUMENTO AREAL	130
Registro da exposição	136





O Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça — Artes Visuais/Funarte/MinC tem por objetivo estimular a produção artística nacional e o pensamento crítico acerca da produção artística contemporânea, caracterizada por sua multiplicidade de linguagens. Além disso, visa também a aquisição de obras destinadas ao preenchimento de lacunas pontuais em acervos de instituições museológicas, públicas e privadas, sem fins lucrativos.

Em sua sexta edição (2013), foi convidada pelo Centro de Artes Visuais da Funarte uma comissão julgadora, composta por profissionais de excelência, para selecionar e contemplar quinze projetos.

Com a atenção voltada para o fomento às investigações de cunho prático e teórico, o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça integra um conjunto de políticas públicas desenvolvidas para a difusão de obras e questões específicas das artes visuais.

Gotschalk Fraga (Guti Fraga)
Presidente da Funarte

O curador, galerista e colecionador pernambucano que contribuiu para o desenvolvimento de um sistema de arte contemporânea brasileiro dá nome ao Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça¹, que tem por premissa estimular a produção de artes visuais através de implementação de políticas públicas que incentivem a participação de artistas, instituições museológicas e centros culturais.

Em 1990, era o galerista, à frente da galeria Pasárgada Arte Contemporânea, no Recife, que exibia fora do eixo Rio-São Paulo os bem sucedidos nomes da geração 80 das artes plásticas brasileiras. Em 1992, com a sócia Kátia Meneghel, inaugurou em São Paulo a galeria Camargo-Vilaça, que acabou se tornando a mais importante referência para a arte brasileira nos anos 90. Parceria que viabilizou a projeção internacional da arte contemporânea brasileira, tornando-a um produto de exportação da América Latina.

O olhar marcantoniano, aguçado, apesar de centrado nas novas tendências se preocupava em recuperar artistas ausentes do público, em decorrência da fragilidade do sistema cultural brasileiro. Foi então que viabilizou a mostra de Lygia Pape em São Paulo, a primeira em duas décadas dessa importante artista. De acordo com o relato de Lygia: *“O Marcantonio foi um dia em minha casa e viu este material guardado num canto. Ele me disse, com aquele jeito típico dele: mas o que é isso, ficou maluca? Vamos já botar isso para restauro. Ele pagou o restauro e vendeu dois trabalhos. O resto guardou para eu poder mostrar em alguma mostra grande. Sinto saudades dele, ele tinha sensibilidade.”*²

O legado deixado por Vilaça contribuiu para disseminar a importância do fortalecimento dos acervos brasileiros de instituições culturais e apontar os novos rumos da produção de arte contemporânea nacional.

É também preocupação sistemática do Prêmio a formação artística e educacional do público brasileiro através da disponibilização nas instituições de produções de artes visuais, além da necessidade de discussão a nível nacional de políticas públicas voltadas para a formação de acervos museológicos.

Carlito Rodrigues

Coordenador do Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça

¹ Em 20 de junho de 2005, foi assinada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e pelo então Ministro da Cultura Gilbert Gil, a Lei nº 11.125 que cria, no âmbito do Ministério da Cultura, o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça. Essa Lei institui a concessão anual de um prêmio para as artes plásticas.

² Reis, Paulo. Portugal descobre o Brasil pela arte. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 19/11/2000.

As artes visuais se expandiram tanto que passaram a incorporar uma realidade de múltiplos processos de conhecimento potencializados e transversalizados por um complexo conjunto de formas de expressão que interagem simultaneamente. As fronteiras entre um processo de criação e outro deixaram de existir e se há alguma delimitação é porque ainda não se reconfigurou o que está para acontecer a qualquer instante. Ao mesmo tempo, que se expande, também não representa mais delimitações entre passado, presente e futuro. Linguagens e práticas que em alguns momentos foram consideradas convencionais, como a pintura, a escultura, o desenho, a gravura e a fotografia, podem muito bem coexistir neste espaço atemporal onde as vanguardas não existem mais e não tem mais como negar o passado para se auto-afirmarem. Performance, instalação, intervenção, arte com ferramentas digitais, objeto, foto-linguagem, poema visual, videoarte, coletivos interativos e outras formas múltiplas de expressão artística, também não são substitutos radicais das tradições. Não há mais espaço para rupturas. As mudanças são rápidas, gradativas, diferenciais, instantâneas, até aparentemente substitutivas mas sem perda das invenções e proposições que as antecedem. Tudo permanece e se transforma ao mesmo tempo.

Uma das características do século XXI é a possibilidade de convivência entre todas estas formas de expressão. Há uma simultaneidade de comunicação que nos liberta da cristalização de modelos. A diversidade de ideias propostas parece nos indicar que o processo evolutivo presente na arte contemporânea libera cada vez mais o artista em direção à individualização de concepções, conceitos e suportes, o que foi determinante, na década de 1950, para diferenciar arte moderna da arte contemporânea. No entanto, contraditoriamente, a consciência e ação coletivas são exercidas com amplitude e liberdade, como um sistema de interesses distintos e comuns. Do início das novas conceitualizações sobre espaço-obra e o rompimento com espaços limitados e a prática e incorporação das tecnologias atuais, constata-se uma multiplicidade de expressões que parece não ter mais limites.

A expansão das propostas artísticas contemporâneas em direção a espaços externos — cidade, meio ambiente, coletividade e comunidade — apontam ainda para outros territórios de interferência e exercício do pensamento. Se afirma também como uma arte pública interativa, de ações individuais e coletivas, que nos sinalizam outros desdobramentos, à procura de um público específico ou apartado das galerias e dos centros culturais, trazendo questões políticas e sociais para o campo da ética e da estética. Compõem um quadro de atitudes e comportamentos que reinserem o artista como agente direto no processo de transformação social. Agrega componentes de informação e difusão distintos dos procedimentos previsíveis e abrem outras opções criativas e político-ideológicas. Questiona e propõe a permeabilidade e o rompimento das fronteiras que se movem entre as expressões artísticas. Parece nos preparar para a definição de arte como um conjunto de ideias e práticas criativas que funcionam de forma integrada e simultânea à própria vida.

Ao receber a determinação de implementar o Prêmio Marcantonio Vilaça de Artes Plásticas Funarte-Minc, o Centro de Artes Visuais da Funarte considerou reconhecido o seu empenho na elaboração de programas e projetos de alcance nacional que incorporasse este universo de linguagens simultâneas. A consolidação e profissionalização de seus programas de exposições, com artistas selecionados por meio de editais e comissões de seleção, realizados em suas galerias no Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e Recife, forneceu o suporte necessário para que um prêmio desta dimensão, regulamentado por lei federal, fosse assimilado. A implantação do programa de Rede Nacional de Artes Visuais, com oficinas, palestras, debates, documentação em vídeo e foto, CD ROM e sites, em todo o território nacional, possibilitou ainda sua infusão para que chegasse ao conhecimento de artistas, instituições, pesquisadores e críticos em todas as regiões do país. Este prêmio está em consonância com nossos objetivos de dar amplitude à expressão artística no campo das artes visuais, como estratégia para o desenvolvimento artístico-cultural do país. Conseguimos reunir, nesta sexta edição (2013), propostas, projetos, ideias e concepções capazes de formar um amplo panorama da produção artística atual em uma área que se expande e agrupa as mais diversas tendências e linguagens.

Xico Chaves

Diretor do Centro de Artes Visuais da Funarte

Criado no ano de 2000, *Areal* é um projeto em arte e humanidades cujo principal objetivo é trazer a público trabalhos artísticos dificilmente viabilizados em âmbito institucional. Desenvolvido a partir de discussões realizadas durante uma série de viagens de seus autores pelo Rio Grande do Sul, o projeto toma da paisagem sul do estado a imensidão de campos, água e areia como símbolo dos limites cada vez mais imprecisos da arte como disciplina na atualidade.

De *Areal* partem os meios para que se realizem investigações intensivas e a proposta de uma veiculação do pensamento humanístico sem mediação, resgatando a um primeiro plano a experiência direta entre artista/autor e público. Segundo o ponto de vista que norteia as ações de *Areal*, o fazer artístico está estreitamente ligado à produção reflexiva, sendo ambos geradores de conhecimento e formadores de novos paradigmas. Neste sentido, além do fomento à criação, o projeto mantém a série de livros *Documento Areal* e prevê a realização de filmes experimentais e a promoção de debates abertos ao público.

Especialmente atento às transformações sofridas pela definição de arte na atualidade, *Areal* vem dedicando-se a investigar e a difundir os efeitos dessa mobilidade sobre as relações entre arte e vida cotidiana, arte e outras áreas do conhecimento e, ainda, sobre arte e sistema de artes. Com isso, o projeto objetiva oferecer os meios para a criação de proposições artísticas que estimulem o debate que abrange o problema da apresentação pública da arte contemporânea – sobretudo no que diz respeito à parcela dessa produção que traz consigo novas formas de comunicação pública, com ênfase na circulação ampla e imaterial de informação.

Os trabalhos desenvolvidos dentro do projeto *Areal* são, em sua maioria, ações realizadas diretamente na paisagem que envolvem a participação, direta ou indireta, do público. Como o projeto não almeja, necessariamente, resultados expositivos diretos, muitas destas ações acabam por ganhar um formato plural e são materializadas (ou simplesmente registradas) em filmes, livros, séries fotográficas, recitais de música, peças teatrais, performances, exposições e debates públicos. As inquietações que mobilizam o projeto *Areal* partem, assim, da arte em direção aos demais campos do saber, visando trazer a público um debate animado pela pulsação do presente, das experiências em andamento e dos resultados propostos ao crivo de um debate multidisciplinar.

Multiplicidade de meios, dissolução de linguagens, interrogação às ideias de visibilidade dos eventos culturais configuram o campo de interesses em que transita *Areal*, projeto que incentiva o aprofundamento da reflexão e prática culturais no campo social sem abdicar do potencial humanista que legitima arte e pensamento.

André Severo e Maria Helena Bernardes

Areal

UM ARQUIVO DE ARTE

O **Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul – MACRS** tem a honra de receber em seu acervo a coleção de fotografias, filmes, textos, livros e testemunhos que integram **ARQUIVO AREAL**, representando a memória dos treze primeiros anos de ações realizadas pelos artistas idealizadores do projeto Areal, **André Severo** e **Maria Helena Bernardes**.

O reconhecimento à contribuição do Projeto Areal ao cenário da arte contemporânea brasileira, expresso pela concessão do Prêmio Marcantonio Vilaça, contribuirá também para suprir uma lacuna de nossa instituição, sistematicamente orientada por uma forte política colecionista estatal que permite a incorporação de valiosas obras de arte, adquiridas ou doadas ao museu.

Desde sua fundação em 1992, o acervo do MACRS é peça chave para o entendimento da história da arte contemporânea local, assim como das diferentes manifestações que delas se apresentam no cenário brasileiro. Reunindo trabalhos das mais diversas linguagens, a coleção ganhou fôlego nos últimos anos com as doações oportunizadas pelo programa de exposições do próprio museu e de duas premiações já recebidas pelo respeitado Prêmio Marcantonio Vilaça de Artes Plásticas.

Conscientes da importante missão de preservar e difundir seu acervo de arte contemporânea, a Secretaria de Estado da Cultura e o MACRS agradecem profundamente aos artistas André Severo e Maria Helena Bernardes, à Fundação Nacional de Artes, por intermédio de sua Coordenação de Artes Visuais, e ao Ministério da Cultura por possibilitarem o compartilhamento público de materiais até então restritos aos arquivos privados dos artistas do Projeto Areal. A doação do **ARQUIVO AREAL** indubitavelmente possibilitará que seus documentos e obras rapidamente se convertam em memória aberta ao reconhecimento e desfrute de um público amplo e, não menos importante, estejam disponível ao acesso de pesquisadores, educadores e estudantes. A incorporação do **ARQUIVO AREAL** vem conferir vitalidade e significado a um dos principais museus de arte do Rio Grande do Sul, além de contribuir para desenvolvimento da historiografia da arte brasileira e para a construção de um estado mais democrático, para todos e todas, no que se refere ao compartilhamento de seus bens simbólicos.

André Venzon

Diretor do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul





Em 28 de fevereiro de 2000, André Severo e eu demos início a uma nova etapa em nossas trajetórias de artistas a que chamamos Areal – momento de crise em relação à perspectiva de viver o resto de nossas vidas na condição de “artistas de exposição”, que nos levou a empreender uma mudança abrupta de direção; momento marcado por sentimentos conflituosos, entre a urgência de inaugurar uma nova forma de vida e o temor de mergulhar em um processo que, talvez, nos levasse ao isolamento e à incomunicabilidade em relação a nosso campo de atuação.

Vínhamos da experiência de atuar como “artistas emergentes” no final dos anos de 1990, quando o cenário das instituições culturais brasileiras se alterava rapidamente com a entrada em cena de fundações privadas e instituições financeiras com seus braços culturais. Finalizávamos nossa participação na primeira edição do Programa Rumos Visuais, do Instituto Itaú Cultural, cujo propósito era mapear artistas emergentes no território nacional. Brincávamos com a ideia de que, quer se trate de uma nação ou de um indivíduo, o rótulo de emergente é sempre conferido e removido por outros, restando ao portador aguardar que um dia o resgatem dessa condição e o catapultem para uma melhor. Em nosso caso, decidimos interromper o movimento: nem emergir, nem retroagir, mas derivar em um fluxo desconhecido, em um terreno em que as noções de arte, artista, obra e público reverberassem nulamente.

A etapa de formação do projeto Areal foi marcada pela evasão e rejeição à metrópole, *habitat* natural do artista contemporâneo. Atravessamos o primeiro ano do projeto em viagens por paisagens onde imaginávamos nada ter a fazer como artistas, percorrendo paragens remotas do Litoral Sul de nosso estado. Ao longo do tempo, essa *condição de trânsito* foi assimilada não como fuga e rejeição à cena de origem, mas como um estado de trabalho possível de ser desfrutado, fosse caminhando por praias esquecidas ou dando voltas em torno do próprio quarteirão, na cidade. Disso, adveio a conquista de um estado de contentamento por estar de passagem sem nada levar, sem nada trazer, que permitiu melhor compreender a experiência no desterro e sua reverberação em nossas vidas na cidade.

A ação, “Encontro no intervalo: Dilúvio” – realizada em 2002 e cujos registros são doados ao MAC-RS por ocasião do Prêmio Marcantonio Villaça – foi um dos pontos marcantes da fase inicial de Areal por produzir um vislumbre do sentido social, artístico e humano que apenas tasteávamos naqueles primeiros anos. Em meio ao Arroio Dilúvio, com os pés plantados nas águas rasas do canal que carrega o esgoto da região central de Porto Alegre, cercados pelo trânsito

frenético da avenida que o entorna, procurávamos entender o que fazia daquele lugar um posto tão mais vivo, atraente e desafiador do que as salas de exposição às quais, até há pouco, destinávamos nossos trabalhos. Ali, aflorou a compreensão de que Areal já se constituía como uma ação-reflexão avessa à fixidez, à restrição, às convenções mecânicas ou corporativas, aos meios puros e à arte que resulta portátil por mera funcionalidade. Sobretudo, clareou-se o entendimento de que Areal não era exatamente um projeto cultural, nem uma estratégia para gerar obras, mas um modo de pensar, de sentir, de interagir e de estar no mundo como artistas e com pessoas a quem poderíamos nos dirigir diretamente. Passamos a compreender Areal como uma plataforma de ações e intervenções experimentais, diretas, não sistêmicas, lúdicas e errantes, capazes de produzir microefeitos e ranhuras no tecido invisível da polis, compreendendo, por fim, sua dimensão política.

Com essa perspectiva, a trajetória de Areal vem sendo construída em diálogo com instituições culturais e também a partir delas, já que convites para apresentar ações do projeto em encontros com o público são constantes em Areal, provindos das mais diversas origens (museus, centros culturais, associações, cooperativas, bibliotecas, congressos de diversas áreas do conhecimento, entre outros) sendo sempre aceitos com entusiasmo, pois mantém vivo, no contato público, o sopro que anima originalmente qualquer ação artística.

Para nós, que criamos Areal no ano 2000 movidos pelo ímpeto da evasão da polis e do restrito mundo da arte que ela confina, a doação do acervo do projeto ao MAC-RS nas condições propiciadas pelo Prêmio Marcantônio Villaça, também depõe sobre esse processo de interlocução com as instituições.

Acreditamos que a doação do ARQUIVO AREAL ao acervo do MAC-RS possibilite entrever a experiência de produzir arte sob uma perspectiva pela qual museus, cidades e praias esquecidas integrem um organismo que não se pode desprender em pedaços, ou antes disso: que se reconstrói continuamente pelo atravessamento de suas partes e cujo coração se resume a pessoas para as quais museus e dunas podem ser magníficas ferramentas de transformação.

Maria Helena Bernardes, Porto Alegre, março de 2014.





RUMO

André Severo — Maria Helena Bernardes

Composto por dois filmes e uma série de 36 fotografias, este módulo apresenta obras relativas às primeiras viagens realizadas por André Severo e Maria Helena Bernardes à metade sul do estado do Rio Grande do Sul e que culminaram no desenvolvimento do projeto Areal.

A série fotográfica *Rumo* — cujas imagens foram capturadas sem a imediata intenção de formalizar um trabalho artístico — foi sendo composta, de maneira aleatória, ao longo dos quatorze primeiros anos de desenvolvimento do projeto Areal. Seleccionadas entre mais de trezentas imagens capturadas por André Severo e Maria Helena Bernardes (e por parceiros como Alexandre Moreira, Eduardo Saorin e Paula Krause) durante viagens relativas ao projeto, as 36 fotografias escolhidas buscam evidenciar o fascínio que a região do extremo sul do Rio Grande do Sul exerceu sobre os criadores de projeto e revelam detalhes da imensidão de campos, lagoas e areais que compõem a região que motivou o surgimento de Areal.

O filme *Rumo*, de André Severo, foi originado pelo reencontro do artista com imagens capturadas ao longo de duas décadas, em diferentes viagens ao Litoral Sul. O filme incorpora registros produzidos por câmeras diferentes ao longo dos anos, em situações e períodos distintos. Assim como as fotografias da série *Rumo*, a maioria das imagens presentes no filme não foram produzidas com a intenção de materializar um resultado formal imediato e serviam, antes, como uma maneira de reter imagens da paisagem para tentar entender as razões pelas quais os criadores do projeto Areal sentiam-se tão fortemente atraídos pela região. Resultante da redescoberta de uma coleção de imagens esquecidas, *Rumo* proporciona uma imersão hipnótica na paisagem originária de Areal, a que André Severo e Maria Helena Bernardes parecem ciclicamente retornar.

O filme *Hermenegildo* tem trilha sonora composta por Fernando Mattos e mostra um longo plano-sequência do Balneário do Hermenegildo, localizado entre os municípios do Chuí e de Santa Vitória do Palmar. As imagens trazem a visão de um observador que se desloca paralelamente a uma série de casas de veraneio. As casas são vistas uma após a outra, parecendo confrontar o mar a uma distância curta. Ano a ano, a praia do Hermenegildo vem sendo devorada pelo mar e condenada ao desaparecimento, gerando a paisagem instável com que as imagens e sons do filme se relacionam. Rodado no ano de 2009 e finalizado em 2014, o filme é resultado de um retorno dos artistas, dez anos após a primeira viagem, a um dos locais decisivos para a formulação do projeto Areal.





RUMO

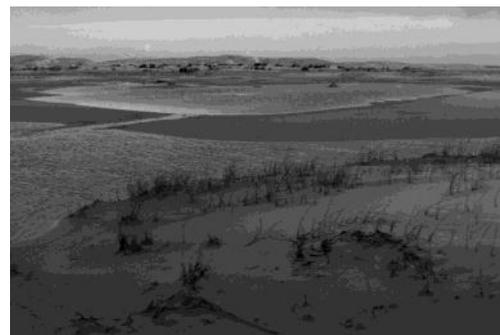
André Severo

Filme em arquivo digital

34 min. Cor. MP4

2001 - 2014





RUMO

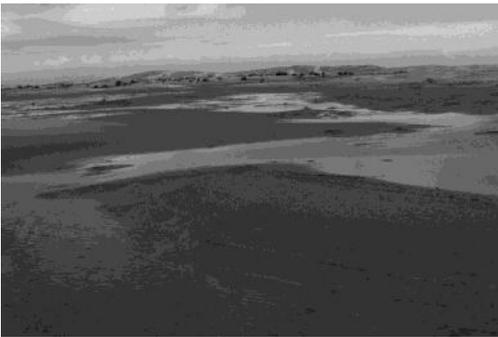
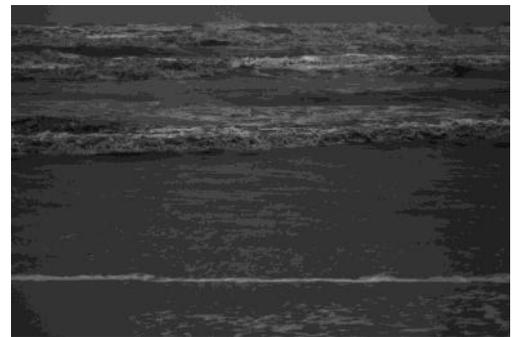
André Severo e Maria Helena Bernardes

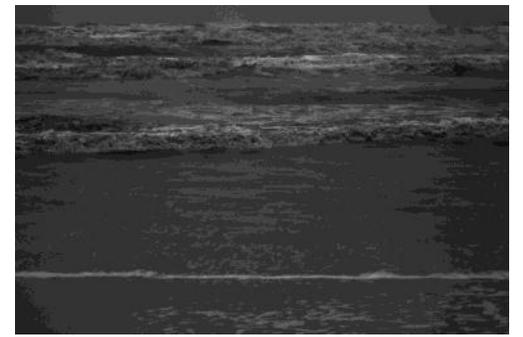
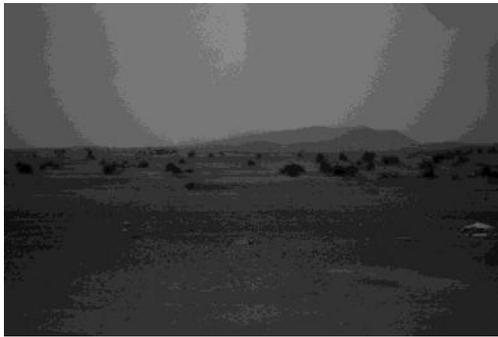
Série fotográfica (fotografias de André Severo e Maria Helena Bernardes com colaborações de Alexandre Moreira, Eduardo Saorin e Paula Krause)

36 fotografias 40 cm x 60 cm

2001 – 2010









HERMENEGILDO

André Severo

Filme em arquivo digital

30 min. PB. MP4

2009—2014







VAGA EM CAMPO DE REJEITO

Maria Helena Bernardes

Composto por um filme-documentário e uma série de oito fotografias, este módulo apresenta obras relativas à experiência compartilhada por Maria Helena Bernardes e um grupo de moradores de Arroio dos Ratos, no Rio Grande do Sul, que viveram em conjunto o processo de identificar uma vaga e reproduzi-la na área de um antigo depósito de rejeito de carvão.

Vazia, sem uso e aparentemente sem dono, a "vaga" encontrada por Maria Helena Bernardes se tornou personagem de uma longa ação coletiva que culminou na empreitada de reproduzi-la sobre uma clareira estéril, de aparência lunar, cercada por pilhas de carvão rejeitado, no terreno de uma mineradora desativada.

O filme *Vaga em Campo de Rejeito* foi capturado casualmente por André Severo, que levava uma câmera recém adquirida para filmar a paisagem durante visita ao local onde Maria Helena Bernardes desenvolvia seu trabalho. A feliz casualidade possibilitou que fossem registrados os instantes finais da experiência relatada no segundo volume da série *Documento Areal*. Movidos pela sorte e por incidentes insólitos, os eventos que se desenrolam no documentário ocorreram entre a manhã e o entardecer do dia 11 de janeiro de 2002 quando, ao visitarem o local, Maria Helena Bernardes, André Severo, Elaine Tedesco e Paula Krause foram surpreendidos pela cascata de imprevistos, também registrados casualmente, que testemunham o engajamento não planejado de pessoas — mestres de obras, pedreiros e técnicos municipais, entre outros — que dedicaram uma jornada de suas vidas para viabilizar a materialização de um vazio sobre outro.

As oito fotografias em preto e branco que compõem este módulo, foram realizadas por Maria Helena Bernardes durante o desenvolvimento da ação na cidade de Arroio dos Ratos e apresentam uma síntese visual de elementos contextuais abrangidos anteriormente e posteriormente à produção e realização do livro *Vaga em Campo de Rejeito*.





VAGA EM CAMPO DE REJEITO

Maria Helena Bernardes

Série de fotografias

08 fotografias PB 60 cm x 90 cm

2003





VAGA EM CAMPO DE REJEITO

Maria Helena Bernardes

Filme em arquivo digital

44 min. Cor. MP4

2002







MIGRAÇÃO

André Severo

Composto por dois filmes e uma série de doze fotografias, este módulo apresenta obras relativas ao período de realização da ação *Migração* de André Severo.

Desenvolvida dentro do quadro de atividades do projeto Areal, *Migração* consistiu na realização de uma série de viagens por diferentes cidades da região da metade sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Nessas localidades foram escavados, deslocados e intercambiados, aproximadamente 450 Kg de material residual recolhido de terrenos previamente escolhidos. O marco inicial do trabalho deu-se em um depósito alugado na cidade de Porto Alegre, onde foi realizada uma série de escavações diretamente no chão. Estas escavações produziram doze buracos que permaneceram abertos durante todo o tempo de execução da ação. O material retirado dos buracos foi armazenado em sacos de algodão; e este gesto deu início a um percurso migratório com duração de doze meses. Periodicamente, em locais específicos do trajeto, foram feitas novas escavações e efetuados os soterramentos do material proveniente do último local visitado – seguindo-se um movimento contínuo de escavar um número similar de buracos, retirar novos materiais, preencher os sacos e transferir seu conteúdo para o próximo sítio do roteiro. A ação se concluiu com o retorno ao ponto de partida: onde foram enterrados, nos mesmos buracos que originaram a matéria para o primeiro deslocamento, porções de solo provenientes de cada uma das localidades visitadas.

Durante os deslocamentos, o artista produziu também um texto que estabelece uma relação de coexistência com as ações, afetando-as e sendo afetado por elas, sem que uma parte se subordinasse à outra. O texto, acompanhado de um ensaio fotográfico realizado por Paula Krause, foi publicado em *Consciência Errante*, quinto volume da série *Documento Areal*.

Tanto o filme quanto a série fotográfica *Migração* são compostos pelos registros fotográficos e videográficos realizados por Paula Krause durante a execução da ação conduzida por André Severo entre os anos de 2002 e 2003.

O filme *Ciclo*, produzido e editado posteriormente à conclusão de *Migração*, integra-se à constelação de ações realizadas por André Severo em torno da experiência de transpor porções de terra de um local para outro. Apresentado em conjunto com um texto de Marcelo Coutinho, o filme foi conduzido como uma ação performática de reflexão sobre o potencial imagético da ação física ocorrida na experiência de realização de *Migração*.





MIGRAÇÃO

André Severo

Filme em arquivo digital

94 min. PB. MP4

2003





MIGRAÇÃO

André Severo

Registro fotográfico de ação (fotografias de Paula Krause)

12 fotografias 18 cm x 24 cm

2002— 2003



Um homem, sozinho, sentado no chão, em um campo de capim seco, trabalhando com sacos de tecido amarelado. Ele está descalço e sem camisa, focado em sua tarefa. Ao fundo, há um suporte de madeira e um objeto que parece ser uma ferramenta ou parte de um equipamento. A iluminação é baixa, criando um ambiente sombrio e melancólico.



CICLO

André Severo

Instalação (filme em arquivo digital e texto emoldurado)

94 min. PB. MP4 (filme) - 20 x 30 cm (texto)

2004







INTERVALOS

André Severo — Maria Helena Bernardes

Composto por dois filmes e duas séries fotográficas, *Intervalos* reúne registros fotográficos e audiovisuais de caminhadas realizadas por André Severo e Maria Helena Bernardes nas águas do Arroio Dilúvio, (Porto Alegre, 2002) e do Arroio Duro, (Camaquã, 2003).

Sublinhando um momento dominado por sentimentos conflitivos – entre a urgência de inaugurar uma nova identidade como artistas e o temor de mergulhar em um processo que poderia levá-los ao isolamento e à incomunicabilidade – as duas caminhadas entre margens contribuíram para compreender e afirmar o que os artistas definiriam como "estado de trânsito" — núcleo poético e existencial que nortearia as ações de Areal dali em diante.

A ação no Arroio Dilúvio – fluxo canalizado que corta a cidade de Porto Alegre no sentido Leste-Oeste, escoando toda a sorte de dejetos – foi documentada em vídeo e em fotografias por Paula Krause, em agosto de 2002. Em sua origem, a caminhada no Arroio Dilúvio foi motivada por um impulso antes catártico do que poético, investida de um caráter antes negativo do que assertivo. Porém, os primeiros passos nas águas opacas do arroio (ou a imagem desses passos, seu poder icônico) desvelam dimensões poéticas, existenciais, políticas, intuitivas e prosaicas, tudo a um só tempo. Realizada antes de ser racionalizada, desejada antes de ser nomeada, a caminhada no Dilúvio marcou o início de Areal como uma espécie de talismã, de pensamento-ação sem forma, sinalizando que ações artísticas podem abrir-se em vários braços e que um trabalho pode ser conhecido por pessoas diferentes, através de meios diferentes, por nomes diferentes e em condições sociais, espaciais e temporais diferentes; que um gesto poético pode conservar sua potência e afetar outras pessoas mesmo na ausência da palavra arte.

A caminhada no leito do Arroio Duro, em Camaquã, foi filmada por Alexandre Moreira e registrada em fotografias por Paula Krause e Denise Gadelha, em junho de 2003. O estímulo para a ação foi a descoberta, na cidade de Camaquã, de uma situação aparentada com a do Arroio Dilúvio, ou seja, a emergência de uma “segunda natureza”: um curso de água doce transformado pelas necessidades humanas. Sem o ímpeto catártico da caminhada no Dilúvio, a ação no Arroio Duro foi marcada pelo desfrute de possibilidades inauguradas na ação anterior e, também, por uma maior atenção às imagens que poderia gerar. O filme mostra André Severo e Maria Helena Bernardes caminhando e conversando no leito do riacho, cujas águas servem à irrigação de fazendas de arroz, em Camaquã, e têm seu nível regulado por válvulas e comportas. O anoitecer é agitado por transeuntes apressados e caminhões que fazem tremer a ponte sobre as águas. Lá embaixo, indiferente ao vai e vem da vida, um encontro transcorre serenamente entre as margens.





SEM TÍTULO (Arroio Dilúvio)

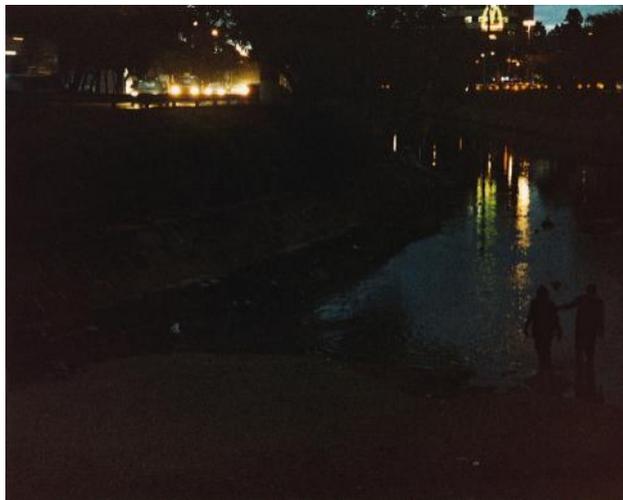
André Severo e Maria Helena Bernardes

Registro audiovisual de ação

13 min. Cor. MP4

2002





SEM TÍTULO (Arroio Dilúvio)

André Severo e Maria Helena Bernardes

Registro fotográfico de ação (fotografias de Paula Krause)

09 fotografias 40 cm x 50 cm

2002





SEM TÍTULO (Arroio Duro)

André Severo e Maria Helena Bernardes

Registro audiovisual de ação

23 min. Cor. MP4

2003





SEM TÍTULO (Arroio Duro)

André Severo e Maria Helena Bernardes

Registro fotográfico de ação (fotografias de Denise Gadelha e Paula Krause)

16 fotografias 30 cm x 40 cm

2003











CAMAQUÃ

María Helena Bernardes

Experiência desenvolvida por Maria Helena Bernardes entre janeiro e junho de 2003, no município de Camaquã, RS, envolvendo a participação da artista em programas transmitidos ao vivo pela Rádio Camaquense AM, durante os quais se oferecia para realizar uma ação artística ou doar objetos para estabelecimentos de acesso público, tais como, supermercados, lojas, farmácias, etc. Ao longo dos meses, a artista desenvolveu uma parceria com o Hospital Nossa Senhora Aparecida, Lojas Lebes e Borracharia do Derceu, estabelecimentos onde foram criadas situações a partir da disposição de objetos.

No site da Rádio Camaquense AM foi publicado o seguinte anúncio:

“Uma de minhas peças inclui a fotografia de um cachorrinho que apareceu diante de André Severo e de mim, enquanto caminhávamos na praia do Mar Grosso, em São José do Norte. Era um dia cinzento de junho e o mar estava baixo. Não que estivesse calmo, ao contrário: quando dois pescadores puxaram sua rede, só o que encontraram foi um emaranhado contendo um pobre siri, triturado pela força incrível do mar. A rede estava imprestável. Associamos esse momento a um poema escrito por Jean Cocteau que, quando chegou a nossas mãos, pareceu-nos escrito para o mar do Sul, embora o tenha sido para o Mar do Norte. Dizia assim: Eu que adoro o sol como um selvagem/eu amei esse Mar do Norte/eu amei suas cidadezinhas feias/ e para amar coisas assim tão feias/ há que saber amá-las ternamente. É possível que nossos litorâneos se ressentam com essa comparação, pois do Chuí ao Cassino, ou de São José do Norte a Mostardas, nosso litoral é impressionante e belo, não há dúvida. Porém, ao pensar nas casas do Hermenegildo, retorcidas pela fúria desse mar horizontal – ou no pobre siri triturado na rede – sobrevém uma melancolia que apenas a visão de um cachorrinho branco, risonho na areia cinzenta, é capaz de amenizar. O retrato desse cachorrinho, do instante em que ele surgiu na imensidão da praia, está retido dentro da peça a que me referi. Quem a abrigar poderá, de vez em quando, observá-lo contra a areia, como se materializou diante de nossos olhos um dia, na praia do Mar Grosso, em São José do Norte. Penso que, por suas características e peso, seria bonito instalar essa peça em um daqueles estabelecimentos que vemos logo na entrada de Camaquã. Interessados em acolher esse trabalho, por favor, entrem em contato com a Rádio Camaquense. Meu nome é Maria Helena Bernardes”.

Integram o módulo *Camaquã*: um filme apresentando uma sequência de fotografias feita pela artista e editado por André Severo, um arquivo de áudio com uma composição de Fernando Mattos realizada a partir da gravação de registros sonoros locais e uma cópia de exibição de *Objeto com Cachorro*.





CAMAQUÃ

Maria Helena Bernardes

Projeção de imagens em arquivo digital

Edição: André Severo

20 min. PB. MP4

2003

Fernando Lewis de Mattos

Arquivo de áudio

Composição/Violão: Fernando Lewis de Mattos

Soprano: Deisi Coccaro

Barítono: Carlos d'Elia

Estúdio Dreher/técnico de som: Thomas Dreher

18 min. WAVE

2003





OBJETO COM CACHORRO

Maria Helena Bernardes

Objeto de ferro e fotografia (cópia de exibição)

50 cm x 50 cm x 200 cm

2004







MISSÃO

André Severo

Composto por dois filmes e um díptico fotográfico, este módulo apresenta trabalhos relativos à ação *Missão* de André Severo.

Desenvolvida dentro do quadro de atividades do projeto Areal, *Missão* consistiu na realização de uma série de viagens por diferentes cidades do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, onde, ao longo de um ano, foram encontradas, deslocadas e plantadas uma dúzia de árvores mortas.

A execução deste trabalho — desempenhado como um ritual sistemático de abandono do contexto cotidiano em favor da aproximação com locais ermos do território gaúcho — teve início na cidade de Canela e, no decorrer de sua realização, buscou exprimir uma ação simbólica de vinculação tropológica entre corpo e paisagem através de uma experiência artística.

Produzida entre os anos de 2004 e 2005, a ação teve como marco referencial a história do anacoreta João o Pequeno, tornado célebre por ter realizado no deserto de Skete, por volta do ano 383, um milagre de obediência e perseverança: regar em pleno deserto, por ordem de um ancião, uma vara seca até que ela ganhasse vida novamente.

Por conta da natureza superveniente da ação — que não podia ser programada e dependia do encontro fortuito das árvores que seriam deslocadas e plantadas —, *Missão* manteve apenas alguns registros fotográficos de sua execução.

O que o filme e o díptico fotográfico intitulados *Missão* apresentam é uma reinvenção, realizada em parceria com Paula Krause nove anos após a conclusão do trabalho, do plantio da primeira árvore sob as mesmas condições e no mesmo local da ação original.

O filme *Herança*, que complementa o módulo, foi produzido como conclusão da ação e mostra os filhos de André Severo e Paula Krause, Carlos Eduardo e João Henrique, em um plano fixo, regando a árvore no terreno onde ela foi plantada.





MISSÃO

André Severo

Filme em arquivo digital

60 min. Cor. MP4

2005 — 2014





MISSÃO

André Severo

Fotografia

02 fotografias 100 cm x 150 cm

2005—2014





HERANÇA

André Severo

Filme em arquivo digital

12 min. Cor. MP4

2014





HISTÓRIAS DE PENÍNSULA E PRAIA GRANDE/ARRANCO

André Severo — Maria Helena Bernardes

Composto por um filme e um arquivo em áudio com leituras de histórias, o módulo *Histórias de Península e Praia Grande/Arranco*, se refere à experiência realizada por André Severo e Maria Helena Bernardes de reviver, dez anos após o início de Areal, um longo mergulho na paisagem originária do projeto, o litoral Sul do Rio Grande do Sul.

A experiência foi desenvolvida no âmbito do *Programa Artistas em Residência*, integrante do *Projeto Pedagógico da 7a Bienal do Mercosul*, no ano de 2009, envolvendo uma série de viagens realizadas pelos artistas entre os municípios costeiros de Mostardas e Chuí.

Durante as incursões pela costa doce e salgada, os artistas coletaram imagens e histórias que resultaram na publicação do sétimo volume da série Documento Areal, reunindo textos e filme.

As narrativas contidas no texto *Histórias de Península e Praia Grande*, de Maria Helena Bernardes, e a sequência de imagens que conformam *Arranco*, de André Severo, demarcam uma nova fase do projeto Areal. Como reação à paisagem humana e física do Litoral Sul, os artistas firmaram um pacto tácito: um deles iria “olhar e filmar”, enquanto o outro iria “ouvir e narrar”. As imagens e palavras que emergiram dessa simbiose refletem a sensação de insuficiência da arte diante da paisagem informe e infinita, inaugurando o diálogo entre filme e texto que continuaria a ser explorado nos trabalhos subsequentes realizados em parceria pelos artistas.

O filme *Arranco* reúne em 90 minutos quatro sequências que traduzem em imagem, tempo e símbolo a amplitude e o imaginário de quem habita aqueles areais do Sul.

O áudio contém a leitura de uma seleção de narrativas que constituem *Histórias de Península e Praia Grande* e tem composição, execução musical e narração de Fernando Mattos.





ARRANCO

André Severo

Filme em arquivo digital

90 min. Cor. MP4

2009





HISTÓRIAS DE PENÍNSULA E PRAIA GRANDE

Maria Helena Bernardes

Composição, execução musical e narração de Fernando Lewis de Mattos

Arquivo de áudio contendo leitura de histórias.

60min.

2009

A Virgem Iemanjá e o Turista Inglês

— Nunca mais fomos lá. É o Hermenegildo, não é? – perguntou o Anfitrião, examinando a imagem das fachadas em nossa tela.

— Há anos a gente não vai lá – confirmou a esposa.

Perguntamos por que, se era tão próximo.

— Aquilo lá ficou assim, depois da ressaca. Por mais que eles arrumem, nunca volta ao normal.

Concordamos que, mesmo em dias de sol, o balneário parecia triste.

— Aconteceu uma coisa lá – seguiu o Anfitrião, em tom sombrio.

— Por isso a gente não voltou – completou a mulher.

— Eles fizeram uma coisa errada. Construíram uma imagem da Virgem Iemanjá de costas para o mar. Isso não é certo. A Virgem tinha que estar de frente para o mar, abençoando os navegantes. Aí, há dez anos, veio a ressaca. O mar destruiu o que encontrou pela frente, as casas ficaram daquele jeito, tudo espalhado na praia, as pessoas perderam o que tinham. Quando veio o sol, no outro dia, é que eles viram: o mar tinha carregado a Virgem e, no buraco que ele abriu no lugar dela, jogou o corpo de um turista inglês que, há dois anos, tinha sumido na água.

E concluiu:

— O mar trocou a Virgem por um corpo morto.





EM TORNO DE NADJA

Maria Helena Bernardes

Composto por um filme e um arquivo de áudio, o módulo apresenta materiais selecionados do trabalho *Em Torno de Nadja* (2003-2014), realizado por Maria Helena Bernardes a partir da leitura de *Nadja* (1928), de André Breton.

O impacto provocado na artista pela leitura de *Nadja* resultou em uma coleção de fotografias em cor de locais e signos associados ao livro (2003-2004); uma série de fotografias em PB (2003-2004), retratando locais originalmente fotografados por Breton para ilustrar *Nadja*; uma série de trabalhos falados (2004-2005) realizados em casas de particulares, em Porto Alegre; e uma instalação composta pelo texto de Maria Helena Bernardes *Em Torno de Nadja* (2006) e pela trilha de Fernando Mattos, *Um beijo tão rapidamente esquecido* (2006).

A série de trabalhos falados se realizou nas casas de anfitriões que se dispunham a reunir um círculo de amigos e familiares para ouvir a narrativa de eventos participantes ou associados ao livro *Nadja*, de Breton. Participavam dos trabalhos falados, fatos extraídos do texto de Breton entrelaçados a episódios não mencionados no livro, tais como: conteúdos de correspondências, relatos de sonhos e assombros afetivos em depoimentos que se sucederam à história, testemunhos de ocupantes atuais dos locais citados em *Nadja* – uma constelação de elementos encontrados pela artista em sua busca obsessiva pelos vestígios *Nadja*. Além disso, o fluxo intimista do trabalho falado permitia compartilhar coincidências surpreendentes ocorridas durante a investigação realizada pela artista, fazendo de sua narrativa um percurso pontuado por suspense e mistério, acompanhado por fotografias que corriam de mão em mão e pela reprodução suave, ao fundo, da música de Fernando Mattos, *Um beijo tão rapidamente esquecido*.

Em 2006-2007, um novo braço de *Em Torno de Nadja* se materializou sob a forma de uma instalação composta pela primeira versão do texto de Maria Helena Bernardes (*Quatro Fragmentos em Torno de Nadja*) e da trilha *Um beijo tão rapidamente esquecido*, composta por Fernando Mattos para violão, soprano e barítono.

O módulo doado ao MAC reúne uma seleção de imagens utilizadas nos trabalhos falados e editadas por André Severo em um filme e o arquivo em áudio da composição *Um beijo tão rapidamente esquecido*, de Fernando Mattos.





EM TORNO DE NADJA

Maria Helena Bernardes

Projeção de imagens em arquivo digital

Edição: André Severo

60min. Cor. MP4

2003 — 2014

UM BEIJO TÃO RAPIDAMENTE ESQUECIDO

Maria Helena Bernardes

Arquivo de áudio

Composição/Violão: Fernando Lewis de Mattos

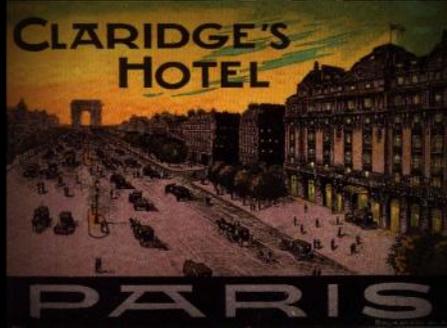
Soprano: Deisi Coccaro

Barítono: Carlos d'Elia

Estúdio Dreher/técnico de som: Thomas Dreher

60min. Wave

2006







PROPRIOCEPÇÃO

André Severo

Composto por dois filmes e uma série de 24 fotografias, este módulo apresenta obras relativas ao período de realização da ação *Propriocepção* de André Severo.

A ação foi desenvolvida dentro do quadro de atividades do projeto Areal e consistiu na realização de uma investigação proprioceptiva, metacognitiva e psicofisiológica conduzida através da imersão diária no exercício de corrida.

O desempenho destes exercícios — realizados no contexto urbano da cidade de Porto Alegre e periodicamente deslocados para locais ermos do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil — exprimiu uma ação de consubstanciação tropológica entre corpo e ambiente. Produzida como complemento para as ponderações contidas no livro *Deriva de sentidos*, a ação teve como objetivo primeiro a inauguração de um método de reflexão sobre a transição da vida translaticamente relacionada com a passagem das horas gastas com a corrida — apostando nos dez quilômetros de trilhas transpassadas diariamente como instrumento de investigação sobre a nitidez das demarcações entre os ideários de mente e corpo.

Após um ano de dedicação diária ao projeto, o trabalho se concluiu com uma corrida realizada em um local remoto do litoral do extremo sul do Brasil. O registro desta corrida é apresentado como princípio de prova da suposição que motivou sua realização: a de que além do ânimo fisiológico proporcionado pelo exercício físico, poucas fronteiras psicológicas permanecem intactas a uma ação sustentada à exaustão.

A série fotográfica intitulada *Propriocepção*, de autoria de Paula Krause, foi concebida simultaneamente ao livro *Deriva de sentidos* de André Severo e apresenta uma seleção dos registros das ações realizadas por André Severo para o projeto entre os anos de 2005 e 2007.

Os filmes *Propriocepção* e *Curso*, fotografados por Marcelo Coutinho e Paula Krause, configuram os registros, um deles em um plano-sequencia de 60 minutos, das últimas duas corridas do ciclo de ações *Propriocepção*. Realizadas em um espaço indeterminado da extensão de praia que vai da cidade de Rio Grande até o Chuí, os filmes mostram uma corrida de uma hora, realizada por André Severo, que repete em ritmo, extensão e duração as corridas propostas como ação em *Propriocepção*.





PROPRIOCEPÇÃO

André Severo

Filme em arquivo digital

60 min. PB. MP4

2007





PROPRIOCEPÇÃO

André Severo

Registro fotográfico da ação (fotografias de Paula Krause)

24 fotografias 18 cm x 24 cm

2006-2007







Um homem de cabelo curto, de terno e gravata, é visto em um plano médio, correndo na praia. O homem é visto de perfil, correndo para a direita. O cenário é uma praia com ondas quebrando na areia. O céu é cinza e nublado. A imagem é em preto e branco.



CURSO

André Severo

Instalação (filme em arquivo digital e texto emoldurado)

60 min. PB. MP4 (filme) - 20 x 30 cm (texto)

2007







SOMA

André Severo

Composto por um filme e uma série de 36 fotografias, este módulo apresenta obras relativas ao período de realização do filme *Soma* de André Severo.

Desenvolvido em trânsito pela paisagem da metade sul do estado do Rio Grande do Sul, *Soma* é uma experiência audiovisual que trata do encontro de indivíduos movidos pelo impulso da deriva. Tendo por base as vivências compartilhadas por André Severo e Maria Helena Bernardes ao longo dos dez primeiros anos do projeto Areal, o filme tomou forma durante uma série de viagens pelos municípios de Mostardas, Tavares, São José do Norte, Bojuru, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar e Chuí.

Resultado da proposta de realização de um filme nômade, *Soma* foi elaborado no campo da experimentação interativa e teve como principal mote de ação a instauração de um ambiente participativo de criação. Menos do que seguir à risca um roteiro, com locações pré-estabelecidas, planos definidos de antemão e proposta de inter-relação performática dadas *a priori*, a aposta foi antes em uma entrega para a natureza errante do imaginário e no estabelecimento de um diálogo direto, com toda a abertura possível para a improvisação, entre a paisagem que abrigou as gravações e as pessoas convidadas para viver, ou reviver, em frente à câmera, a situação de deambulação proposta.

Produzido simultaneamente às experiências vivenciadas por André Severo e Maria Helena Bernardes na ocasião de realização de do livro *Histórias de península e praia grande* e do filme *Arranco*, *Soma* foi finalizado em 2010, quando o projeto Areal completava uma década de atividades. Cada sequência mostra um homem e uma mulher caminhando pela paisagem do Litoral Sul do Brasil, em uma dispersão sem destino pela paisagem. O filme contou com a colaboração de parceiros que vem acompanhando Areal de muito perto, reiterando a cumplicidade afetiva como estratégia para habitar o vazio.

A série de fotografias que complementa o módulo registra a experiência de realização do filme e foi produzida espontaneamente pela equipe durante as filmagens.





SOMA

André Severo

Filme em arquivo digital

120 min. PB, MP4

2010





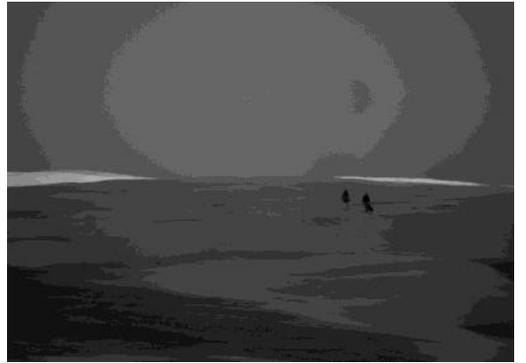
SOMA

André Severo e Maria Helena Bernardes

Série fotográfica(fotografias de Alexandre Moreira, Eduardo Saorin e Paula Krause)

36 fotografias 30 cm x 40 cm

2010















ENSAIO

André Severo — Maria Helena Bernardes

Composto por um conto, escrito por Maria Helena Bernardes, e por um filme, dirigido por André Severo, *Ensaio* é uma experiência artística de intensa troca entre os artistas do projeto Areal e as atrizes Carina Dias e Livia Dávalos.

Centrado em um texto escrito por Maria Helena Bernardes durante a vivência da longa elaboração do livro *A estrada que não sabe de nada*, este trabalho acompanha o processo de incorporação do conto, que é baseado em uma história real, pelas duas atrizes.

Rodado ao longo de quatro meses em um pequeno teatro localizado no Campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o filme tem início a partir do primeiro contato das atrizes com o texto e revela as surpresas, impressões, interpretações e transformações que o contato com seu conteúdo provocou nelas durante o período de assimilação e incorporação do texto.

Apresentado no formato de uma instalação audiovisual, *Ensaio* aposta na atenção ao encontro entre pessoas, imagens e histórias como elementos deflagradores de situações poéticas para o compartilhamento.

Neste trabalho, a imagem, a escrita e a vivência de uma construção teatral para ser apresentada apenas através de seu registro audiovisual pressupõem uma relação horizontal de trabalho onde texto, filme e atuação se retroalimentam e se transformam constantemente.





ENSAIO

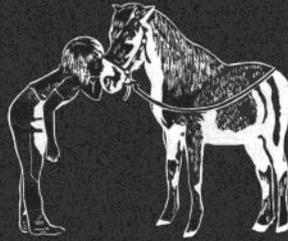
André Severo

Filme em arquivo digital

210 min. PB. MP4

2011





Documento AREAL 12

[Lembro de quando nos conhecemos. Naquela época, os pôneis ainda ficavam doentes. Por telefone, você orientava o Menino a dar vermífugo, a tatuar uma pata cortada. Quem estava mal era o cavalo do vizinho. Não tinha ninguém no sítio. O Menino pulava a cerca e ia lá, dava casinho, examinava "Ele tem peste", sentendoo. Decidimos chamá-la. Naquela tarde, nos encontramos pela primeira vez.]

Quanto tempo fez? Mais ou menos... Meu filho vai fazer três anos... Foi logo que eu casei. Ele nasceu, a gente se mudou. A gente tinha que tentar a vida; aqui é bom, mas para daí não iria dar. Ele tinha uma profecia boa no Uruguai. Ele sempre foi sempre no que fez. Tinha direito, tudo para fora.

[Mas pressentimento com aquele cavalo. Você cruzou a porteira e abanou, sorridente. Jeito campeão em moça da cidade. Examinou o cavalo, abaniu a maleta, tirou injeções. O Menino estava nervoso; nós, com medo do diagnóstico. Você levantou a cabeça e disse: "Ele vai ficar bom". Perguntou ao Menino se era gaúcho de verdade, se detava cavalo no chão. "Então, corre e taze a mancia"]

Ah, não. Não chegou a entrar oficialmente aqui. Depois de casar, a gente se mudou. Você malmente não fez nada. Meu pai e minha mãe gostaram: imagine, minha mãe sempre falou "Podem fazer a chovateira e quanto quiserem até casar, mas depois, não. Casamento é uma vez na vida". Ela era como um filho para eles, tinham que ver. Ah logo é assim, isso não sai mais.

[Os donos apareciam de vez em quando. Deixaram comida para os bichos, veneno para os ratos e iam embora. Os ratos vinham procurar a ração e encontravam o veneno. Tíhamos que cuidar onde pisávamos: o chão estava cheio de ratos mortos. "O cavalo tem peste, mas vai se curar". Você contava histórias de bezeros entalados na mãe, partos no meio do nada, da ajuda da peonada. "Tudo dá certo, quando as pessoas são boas". Como alguém podia ser tão positiva naquela poeira. Com três tapas no lombo do cavalo, você se foi. Você também nos salvou, naquela tarde.]

A gente moioa, depois carava. Quando eu engravidou, ele chegou para mim e disse: "Vamos montar na campanha, eu, tu e o bebê. Vamos cuidar do gado de três estâncias. A gente se divide com os bichos, é muito trabalho, mas dá dinheiro, vamos se arrumar

SEM TÍTULO (Eldorado)

Maria Helena Bernardes

Livro

16 pgs.

2011

por lá". Ele sempre adora a vida com bicho grande, sou acostumada a deixar saca no pasto e fazer parte dele da chova! Era sempre mesma. Mesmo que fosse muito trabalho, a gente estaria junto, fazendo o que gostava. Ai, a gente foi.

[Seguimos caminho. A pônei precisava de remédio, ração e alfafa. Na farmácia, na agropecuária, todo mundo vem abasçar você, as pessoas sim, ficam boas com a sua chegada. Você distribua sua força por onde passa, as pessoas bebem a sua energia, quem a sua alegria. Até o Menino, tão seguro com os bichos, esperava por sua palavra: "Amama, puma, manna. Vamos ver se é galicho mesmo!"]

Têis rebeldes... Era um monte de bicho, tinhamos que sair cedo e voltar com a noite. Davais tudo para três. Minha fantasia, meu plano de alvar e cavalheiro, a cidade. Tudo. Eu gosto daqui. Conheço todo mundo. Digo para o pessoal: essa cidade tem valor, a gente tem que viver aqui, comprar as coisas daqui. Não adianta trabalhar na capital e deixar o dinheiro lá. Tem que voltar para cá. Aqui todo mundo se ajuda, é só gente boa que tem aqui. Tem a Mulher da Sopa. Ela não tem um centavo de lá. Ela nem tem

uma, acredita! Demos um cabido para lá e ela em seguida deu para alguma que precisava mais. Rapidamente de setenta nos arrumamos e fiz, não para toda a vida. Tem gente boa, aqui.

[Na cidade, disseram que você estava grávida. Que não estava atendendo por conta disso e depois que o bebê nascesse retomaria a vida. Não sabíamos que tinha ido embora. Nossos cavalos estiveram bem naquele intervalo. Não notamos que havia passado tanto tempo. Tem coisas que são assim.]

Quando a gente chegou lá, eu estranchei. Ah, sim... Era fita, não tinha a família, a cidade ficava longe. A casa era simples, mas boa. Tinha o quarto do bebê e o meu, uma sala, uma cozinha grande, fogueira, fogão, as janelas davam para o campo. Era feio e que podia ser aquela barriga, ele é quem se para fora. Quando ganhei o bebê, ele me disse que dava conta dos bichos. Tinha rede, soltava tarde. Com o bebê ficava difícil de eu ir para o campo. Aí sempre, ele não aparecia em casa e dia inteiro. "Trabalhando, lá fora", pensava. E eu, em casa, com o bebê.

"Vai-te embora, paga a primeira dívida. Querem matar esse agnelo." Naquela noite, mesmo, fugi com meu filho. Não arramei nada, não fiz mais. Fugiu com a roupa do corpo.

[O vendedor, seu amigo, nos ensina a plantar alfafa "Boota em qualquer época, em qualquer lugar", ele disse, "até na pedra". Mostrou a bota que cobria o chão onde descalegavam as sementes. Estava verdinha. "Não tem lugar ruim, quando as pessoas são boas". Voltamos ao consultório. Você se despede.]

No campo foi difícil. Era não conseguir comer, dormir, o terror não passava. Era uma dor muito grande. Era alfafa pra três e não estranchei a minha vida. Terremoto de terra. Tíhamos muito para pagar as dívidas lá. Mas os meus direitos voltaram. Todo mundo ajudava, as pessoas rezavam, me davam para a igreja. Eu rezo muito pra ele ficar bem. Ou era lá, ou o céu. E o céu eu sei de perto. Depois de um tempo, ele voltou. Não carregava aquela saia, aquela escaridela. Estava favela, queria ser e filha chorosa. A mulher tinha destruído a vida dele. Podia para voltar. Ela sou dizer para voar. Ela partiu. Ele não é mais aquele, passou. Não sei nem se ele mesmo consegue estranhar, explicar. Ele sou ser o bebê, isso para passar. O que adora a pai. Nos separamos, eu lá. Meu pai gostava dele como um filho. Isso soua vai mudar.





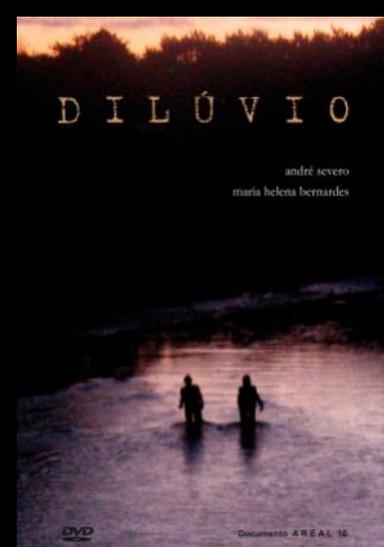
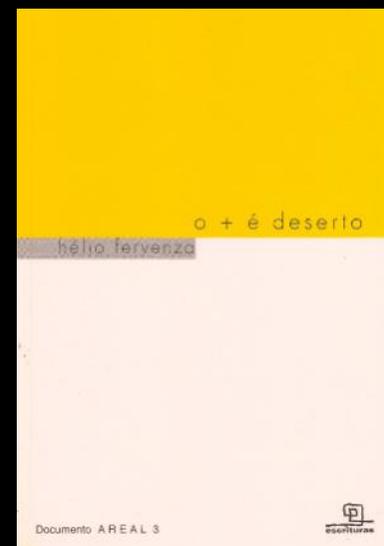
DOCUMENTO AREAL

Conforme o ponto de vista que norteia as ações do Projeto Areal, o fazer artístico está estreitamente ligado à produção reflexiva, sendo ambos geradores de conhecimento e formadores de novos paradigmas. Nesse sentido, além do fomento à criação, o Projeto Areal mantém a série de livros Documento Areal. Lançada em março de 2001, a série apresenta publicações relativas a obras e artistas participantes do projeto. Elaborados diretamente por seus autores, os livros da série Documento Areal apresentam textos, fotografias e filmes em projetos gráficos pensados, gráfica e conceitualmente, para servir como principal veículo de divulgação das ações desenvolvidas no Projeto Areal. Coordenada por André Severo e Maria Helena Bernardes, a série Documento Areal tem quatorze títulos publicados e é atualmente editada pela editora Confraria do Vento do Rio de Janeiro.

série Documento Areal:

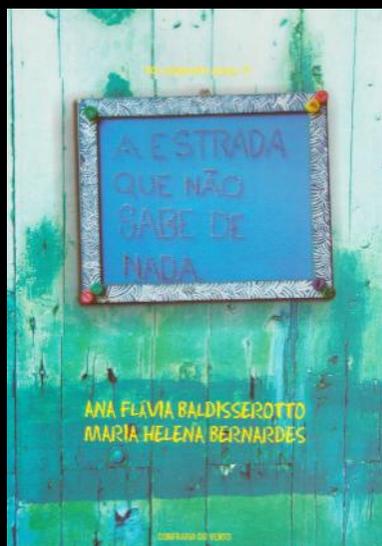
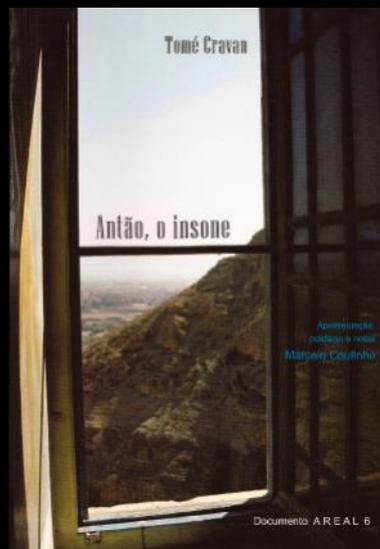
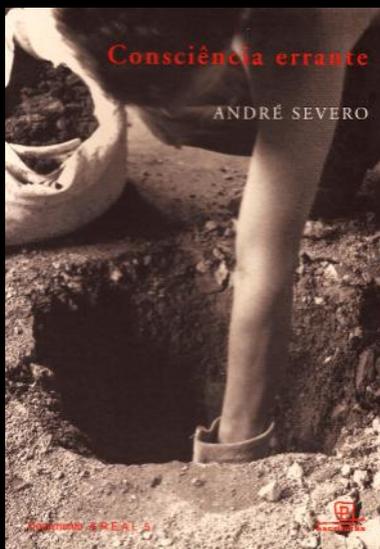
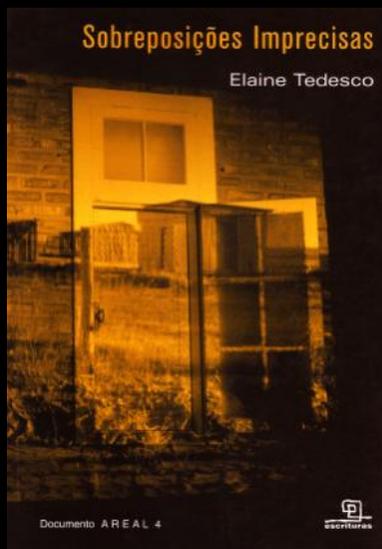
1. *Eu e você – Karin Lambrecht*. André Severo e Maria Helena Bernardes (orgs.). Santa Cruz: Edunisc, 2001.
2. *Vaga em campo de rejeito*. Maria Helena Bernardes. São Paulo: Escrituras, 2003.
3. *O + é deserto*. Hélio Ferverza. São Paulo: Escrituras, 2003.
4. *Sobreposições imprecisas*. Elaine Tedesco. São Paulo: Escrituras, 2003.
5. *Consciência errante*. André Severo. São Paulo: Escrituras, 2004.
6. *Antão, o insone*. Tomé Cravan (apresentação, posfácio e notas de Marcelo Coutinho). Porto Alegre: Zouk, 2008.
7. *Histórias de península e praia grande/Arranco*. Maria Helena Bernardes e André Severo. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2009.
8. *Soma*. André Severo. Porto Alegre: NAU — produtora/Arena, 2010.
9. *Deriva de sentidos*. André Severo. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2012.
10. *Dilúvio*. André Severo e Maria Helena Bernardes. Belo Horizonte: Ja.Ca, 2011.
11. *A estrada que não sabe de nada*. Maria Helena Bernardes e Ana Flávia Baldisserotto. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2012.
12. *Ensaio/Eldorado*. André Severo e Maria Helena Bernardes. Porto Alegre: Arena, 2011.
13. *Companhia—vol. I, II e III*. André Severo. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2015.
14. *105 dias*. Gisela Waetge. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2013.





SÉRIE DOCUMENTO AREAL

Série de livros coordenada por André Severo e Maria Helena Bernardes





ARQUIVO AREAL

Casarão N° 06, Pelotas — RS

09 de dezembro de 2014 a 13 de março de 2015



O Ministério da Cultura, a Fundação Nacional de Artes Visuais, o Governo do Estado,
a Secretaria da Cultura, o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul e a
Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Pelotas apresentam

ARQUIVO AREAL

DOAÇÃO DE REGISTRO DE AÇÕES DO PROJETO AREAL PARA O ACERVO DO MACRS
PRÊMIO DE ARTES PLÁSTICAS MARCANTÔNIO VILAÇA – 6ª EDIÇÃO

Visitação até 13 de março de 2015, de segunda a sexta, das 13h às 18h.

Criado no ano de 2000 por André Severo e Maria Helena Bernardes, Areal é um projeto em arte e humanidades cujo principal objetivo sempre foi o de trazer à público trabalhos artísticos e publicações dificilmente viabilizados em âmbito institucional. Desenvolvido a partir de discussões realizadas durante uma série de viagens de seus autores pelo Rio Grande do Sul, Areal toma da paisagem sul do estado a intensão de campos, água e areia como símbolo dos limites cada vez mais imprecisos da arte como disciplina na atualidade. Segundo o ponto de vista que norteia as ações de Areal, o fazer artístico está estreitamente ligado a produção reflexiva, sendo ambos geradores de conhecimento e formadores de novos paradigmas. Multiplicidade de meios, dissolução de linguagens, interrogação às ideias de visibilidade dos eventos culturais configuram o campo de interesses em que transita Areal, projeto que incentiva o aprofundamento da reflexão e prática culturais no campo social sem abdicar do potencial humanista que legitima arte e pensamento.

FORMA TÉCNICA

Convidado:
PROJETO AREAL – André Severo e Maria Helena Bernardes
Produção executiva:
LINA MAGDEM – Paula Frazee
Apelo: Microcomunicação
Nelson Adriano
Assessoria de imprensa:
GIRA – Alana Design
Agradecimentos:
André Severo – MACRS
Gisela Rohrer – SECRETARIA DE CULTURA DE PELOTAS
Fernando Malm
2007 André Rubin de Mendonça – PUBLICATO

Apoio Cultural



Apoio Institucional



Realização



MACRS

MACRS



funarte

BRASIL

BRASIL

























































Faint, illegible text visible on a surface in the lower-left corner, possibly a slide or a small photograph.





SOBRE OS AUTORES

Na tarde de 28 de fevereiro de 2000, André Severo e Maria Helena Bernardes sentaram-se à mesa de um bar, na esquina da Avenida Jerônimo de Ornellas com a Rua Ramiro Barcellos, em Porto Alegre, pediram dois guaranás e decretaram o encerramento de um ciclo e o começo de outro. O que encerravam, estava claro: o caminho percorrido, até ali, como artistas que, eventualmente, despachavam de seus ateliês objetos acondicionados em caixas acompanhadas de notas fiscais com a discriminação do inciso que as liberava de incidência fiscal e assegurava que chegassem intocadas às salas de exposição. O que inauguravam, contudo, levariam alguns anos para descobrir. Para isso, exercitaram-se caminhando por praias, ruas, frigoríficos em desuso e pedaços de estrada espalhados pelo Sul de seu estado, conversando e ensaiando uma vida sem caixas. Certo dia, nas cercanias do Canal São Gonçalo, em Pelotas, depararam-se com uma placa de trânsito que lhes apontou um rumo possível: AREAL. Acompanhados dessa palavra, experimentaram caminhar separados, reencontrando-se para contar aventuras vividas junto aos trilhos de Cacequi, às margens brancas de Rosário do Sul, aos campos de rejeito de Arroio dos Ratos e nos estúdios de gravação da Rádio Camaquense. Reencontravam-se, também, para andar lado a lado, ensacados em macacões de borracha, em lugares que já não lhes eram hostis, mas cheios de vida, entre peixes cinzentos e dejetos do Arroio Dilúvio, sob o olhar de amigos que acorreram para lá, em uma tarde gelada, para vê-los conversar no riacho. Bons amigos que os apoiaram nessas aventuras e que, vez ou outra, lançaram-se com eles pelos cerros de Quaraí, pelas dunas de Tavares, ou, em um bote, exploraram as ilhas do Delta do Jacuí. Amigos, outros, que conheciam o Areal por dentro e os guiaram a faróis caídos e vilas em que ninguém mais morava. Bons amigos estão em toda a parte. Dentro e fora das caixas. Nenhum lugar é hostil quando visto de Areal. André Severo e Maria Helena Bernardes criaram Areal em 2000, projeto no qual vêm desenvolvendo seus trabalhos artísticos pessoais e em parceria com convidados, além de editarem a série de livros *Documento Areal*, com os seguintes títulos já publicados: *Eu e você: Karin Lambrecht* (Karin Lambrecht, 2001); *Vaga em campo de rejeito* (Maria Helena Bernardes, 2002); *O + é deserto* (Hélio Ferverza, 2003); *Sobreposições imprecisas* (Elaine Tedesco, 2003); *Consciência errante* (André Severo, 2004); *Antão, o insone* (Marcelo Coutinho, 2007); *Histórias de península e praia grande/Arranco* (Maria Helena Bernardes e André Severo, 2009); *Soma* (André Severo, 2010); *Deriva de sentidos* (André Severo, 2012); *Dilúvio* (Maria Helena Bernardes e André Severo, 2010); *A Estrada que não sabe de nada* (Maria Helena Bernardes e Ana Flávia Baldisserotto, 2011); *Ensaio* (Maria Helena Bernardes e André Severo, 2011); *Companhia* (André Severo, 2015); *105 dias* (Gisela Waetge, 2013).

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que de alguma forma colaboraram com o projeto Areal e especialmente a: Alexandre Moreira, Alice Souza, Alisson Ávila, Ana Flávia Baldisserotto, Ana Jussara Hauschild, Ana Paula Santos, Andreas Valentin, André Fávero, André Venzon, Ann Adachi, Antonio Claudio Marcondes, Ariela Dedigo, Barry Rosen, Bernardo José de Souza, Bruna Fetter, Camila Krause Corrêa, Camilo Yáñez, Carina Dias, Carla Borba, Carlos Eduardo Corrêa Severo, Carolyne Alexander, Cauê Alves, Clara Grivicich, Cláudia Vieira, Clóvis Martins Costa, Cristiana Tejo, Dani D'Emilia, Deisi Cocco, Denise Gadelha, Diná Vieira, Edson Sousa, Eduarda Severo Saldanha, Eduardo Saorin, Elaine Tedesco, Elida Tessler, Fábio Del Re, Fernando Cochiaralle, Fernando Mattos, Gabriela Silva, Gabriel Netto, Gabriel Pérez-Barreiro, Gabriela Corchado, Graziela Kerpen, Germana Konrath, Giorgio Ronna, Gisela Waetge, Grady Gerbracht, Gustavo Possamai, Gustavo Spolidoro, Hélio Fervenza, Ieda Mariza Severo, Ione Marlei Severo, Ines Lorandi, Isabela Vilanueva, Ivone Schulz, Jaqueline Beltrame, Jane Pinheiro, Janine Severo, José Agnelo Franzen Corrêa, José Roberto Severo, João Batista Cardozo, João Henrique Corrêa Severo, Júlio Bernardes, Karin Lambrecht, Karla Melo, Léo Bahia, Lizângela Torres, Luciano Simon, Luís Alberto Severo, Luis Pérez-Oramas, Luiz Guilherme Vergara, Mabe Bethônico, Majela Colares, Marcelo Moreira, Marcelo Coutinho, Márcio-André, Marcos Bonisson, Maria Bastos, Maria da Graça Pereira da Silveira, Maria Helena Sant'Anna, Maria Ivone dos Santos, Maria Jose Herrera, Maria Terezilda Brasil de Mattos, Marina De Caro, Mayana Martins Redin, Mayra Martins Redin, Melissa Flôres Fávero, Melissa Schulz Severo, Michelle Sommer, Mônica Hoff, Neiva Pinheiro Bernardes, Nidia Grippo, Nelson Azevedo, Nelson Rosa, Pamela Caserta, Paula Krause, Paulo Gomes, Paulo Myada, Potira Preiss, Patricia Schreiner, Patrícia Scossi, Raimundo Gadelha, Ramiro Azevedo, Ricardo Rezende, Roberto Onófrío, Rodrigo Cavalheiro Saldanha, Ronaldo Ferrito, Rosana Almdares, Skye Monson, Sylvia Bandi, Tamara Bloomberg, Tiago Casagrande, Vera Lago, Vera Rodrigues, Victoria Noorthoorn, Victor Paes.

DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado à memória de Neiva Pinheiro Bernardes.

Apoio Cultural



Apoio Institucional



Produção

ilha

Realização



Ministério da
Cultura



Este projeto foi contemplado com o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça - 6ª Edição



